

PROGRESSÃO REFERENCIAL: UMA ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS DE REFERENCIAÇÃO MOBILIZADAS EM ARTIGOS DE OPINIÃO

Eliane Feitoza Oliveira¹

RESUMO: O objetivo deste trabalho, de natureza interpretativa e situado no âmbito das investigações da Linguística Textual, é o de analisar a progressão referencial em três artigos de opinião da Revista Época, da edição de 11 de maio de 2011, a saber: “Será que ele morreu?”, “Um salto para a democracia” e “O hipócrita e o cínico”. A análise incide sobre os principais referentes de cada artigo, examinando as formas pelas quais vão sendo categorizados e recategorizados ao longo dos textos, a partir de algumas estratégias de referenciação que auxiliam na construção de suas imagens, e sobre como essas estratégias colaboram para a composição de diferentes *frames*. Para análise das principais estratégias de referenciação mobilizadas para a construção das imagens dos referentes, recorreu-se às considerações de Koch (2005, 2009a; 2009b) e Koch e Elias (2006). A análise aponta para a referenciação como um processo discursivo, pois auxilia na construção dos referentes enquanto objetos do discurso que, nem sempre, refletem a ordem estabelecida no mundo.

PALAVRAS-CHAVES: estratégias de referenciação; progressão referencial; artigo de opinião.

ABSTRACT: This interpretative-natured paper, situated in the sphere of Textual Linguistics investigations, aims at analyzing the referential progression in three opinion articles in Revista Época [Época Magazine], from the edition of May 11th, 2011, namely: “Has he died?”, “A Leap into Democracy”, and “The hypocrite and the cynic”. The analysis is incident on the main referents of each article, looking into the way they are categorized and re-categorized along the texts, from some referencing strategies which help to build up the images, and about how these strategies collaborate for composing different *frames*. In order to analyze the main referencing strategies mobilized for building up the referents images, the considerations by Koch (2005; 2009a; 2009b) and Koch and Elias (2006) have been resorted to. The analysis points to referencing as a discursive process, for it helps build up the referents as discourse objects which, not always, reflect the established order in the world.

KEY-WORDS: referencing strategies; referential progression; opinion article.

Introdução

Este trabalho procura promover uma reflexão a respeito da progressão referencial em artigos de opinião, tendo como base os pressupostos teóricos oriundos da Linguística Textual, área da Linguística que, em linhas gerais, compreende o texto como lugar de interação social, no qual os interlocutores (falante, escritor, ouvinte, leitor) são autores ativos e constroem o sentido do texto a partir de uma realidade que é mediada pela cognição.

Assim, para a análise dos artigos, nos baseamos na noção de referenciação discutida por Koch (2005; 2009a; 2009b), a partir das considerações de Mondada (2001) e Mondada e Dubois (1995), que, em seus estudos, propõem que os referentes textuais sejam entendidos como

¹ Doutora em Linguística Aplicada pelo Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (IEL-UNICAMP). Docente do Programa de Mestrado em Letras da Universidade Vale do Rio Verde (UNINCOR). E-mail: eliane.oliveira@unincor.edu.br.

objetos do discurso, e não como objetos do mundo, visto que são construídos e desenvolvidos pelos sujeitos no ato da comunicação. Por essa razão, segundo Mondada (2001), é mais adequado falar em referenciação em substituição à referência, pois a referência, na voz da autora, é entendida como um problema de representação do mundo, em que se privilegia a relação entre as palavras e os objetos nele existentes. Já a referenciação, privilegia a relação intersubjetividade e contexto social, na qual as representações do mundo são elaboradas, avaliadas e adequadas tendo em vista as finalidades comunicativas dos enunciadores.

Nesse sentido, é possível dizer que os sujeitos, ao textualizarem o mundo por meio da linguagem, o reconstróem na interação, pois

os objetos de discurso não se confundem com a realidade extralinguística, mas (re)constróem-na no próprio processo de interação: a realidade é construída, mantida e alterada não apenas pela forma como nomeamos o mundo, mas, acima de tudo, pela forma como, sociocognitivamente, interagimos com ele. Interpretamos e construímos nossos mundos na interação com o entorno físico, social e cultural (KOCH; MARCUSCHI, 1998 citado por KOCH, 2005, p.34-35).

Baseando-se nesse ponto de partida, o presente artigo objetiva discutir as formas pelas quais os referentes de três artigos de opinião são categorizados e recategorizados ao longo dos textos. Em específico, analisamos os elementos referenciais atribuídos a Osama Bin Laden, Julian Assange, Hugo Chávez e Silvio Berlusconi, destacando como a progressão referencial no discurso colabora para: (i) a construção das imagens dos referentes; (ii) a construção de diferentes *frames*² (iii) a orientação do leitor para aceitar o ponto de vista do autor do texto. Nas seções subsequentes, são apresentados os processos textuais de referenciação, uma breve explanação acerca das relações entre referenciação e o gênero artigo de opinião, a análise das estratégias de referenciação aplicadas aos artigos e, por fim, as considerações finais.

Vale salientar que este artigo é fruto das discussões realizadas no âmbito da disciplina Introdução à Linguística Textual, ministrada pelas professoras Anna Bentes e Ingedore Koch, no ano de 2011. Na época em que a disciplina foi ministrada, buscava-se, entre outros aspectos, compreender como as imagens de figuras públicas do cenário político nacional e internacional eram textualmente construídas. Nesse ano, mais especificamente no primeiro semestre, as principais matérias jornalísticas nacionais e internacionais focalizavam a morte de Osama Bin

² Para Koch e Travaglia (1996), os *frames* estão inseridos no nosso conhecimento de mundo sobre determinado assunto ou situação e, portanto, são conjuntos de conhecimentos armazenados na memória sob a égide de determinado rótulo. Em linhas gerais, os frames podem ser compreendidos como blocos de conhecimentos pré-existentes, armazenados na memória e que representam situações estereotipadas.

Laden, a crise econômica na Itália e o envolvimento do Primeiro Ministro Italiano Silvio Berlusconi em escândalos, o exílio de Julian Assange, criador do *WikiLeaks*, que passou a sofrer pressão do governo americano ao divulgar documentos secretos do corpo diplomático dos Estados Unidos, e Hugo Chávez, presidente venezuelano já falecido que, à época, estava tratando um câncer.

Tendo em vista que esses eram alguns dos principais referentes de materiais jornalísticas, o primeiro critério de seleção baseou-se na escolha de textos que, de algum modo, faziam referência a eles em seus títulos. Já o segundo critério de delimitação do *corpus*, até chegar aos três artigos de opinião publicados em uma das edições do ano de 2011 da Revista “Isto É” e que estão anexos, baseou-se na seleção de textos que apresentavam maior número de remissão textual, realizada por meio de formas nominais, a essas figuras públicas ou aos desdobramentos de eventos nos quais seus nomes estavam envolvidos.

Principais estratégias de referenciação

A referenciação é tida por Koch (2009a, p. 53) como uma atividade discursiva, visto que “implica uma visão não-referencial da língua e da linguagem”, e interativa, pois fabrica os referentes não enquanto “objetos do mundo”, mas enquanto “objetos do discurso”. Assim, a referenciação não implica, propriamente, uma relação entre a língua e as coisas existentes no mundo real, mas a construção coletiva de um modo de se referir a elas.

Em outras palavras, é dentro das operações de referenciação que surgem os objetos do discurso, definidos por Mondada (2001) como entidades produzidas no curso da enunciação. Por não pré-existirem ao texto e, sim, emergirem na dinâmica discursiva, o uso do objeto do discurso é subjetivo, visto sua construção está atrelada à forma com a qual os sujeitos interagem socioculturalmente. Desse modo, no processo de construção de um modo de se referir, ou modo de dizer, a um objeto que já existe no mundo, os sujeitos, de forma conjunta, o reelaboram.

Assim, pode-se dizer que nem sempre há uma correspondência unívoca entre o objeto reelaborado e objeto existente no mundo, sendo que a reelaboração deve obedecer “às restrições impostas pelas condições culturais, sociais, históricas e, finalmente, pelas condições de processamento decorrentes do uso da língua (MARCUSCHI e KOCH, 1998, p. 5 citado por KOCH, 2009b, p. 80), e não obedecer às restrições impostas pelo mundo material. Ou seja, na atividade de referenciação, o que está em jogo são as formas pelas quais os sujeitos sócio-

históricos constroem, na interação e de forma colaborativa, os seus discursos. Os objetos presentes nesses discursos não refletem o mundo real, mas os pontos de vistas dos sujeitos, condicionados pelas práticas sociais, sobre esses objetos – dado que faz com que sejam tidos como objetos do discurso.

Esses objetos são caracterizados por sua natureza dinâmica, visto que, para mantê-los em foco no fio discursivo, os sujeitos acionam estratégias de referenciação que podem fazer com que sejam “modificados, desativados, reativados, transformados, recategorizados [...]” (KOCH, 2009a, p.80).

Segundo Koch e Elias (2006), as estratégias de construção dos objetos do discurso são as seguintes: introdução, quando um objeto ainda não mencionado no texto é introduzido e, portanto, colocado em foco; retomada, reativação de um objeto já presente no texto por meio de uma forma referencial; e desfocalização, introdução de um novo objeto, promovendo uma mudança de foco dos objetos já introduzidos no texto.

Já as estratégias que colaboram para a progressão referencial/retomada de referentes – estratégias estas responsáveis por construir as cadeias referenciais que, por sua vez, permitem a categorização e recategorização discursiva dos objetos do discurso, são as seguintes, de acordo com Koch (2009b):

- uso de pronomes ou elipses: a referenciação dá-se por meio de formas gramaticais com a “função pronome” ou por elipses;
- usos de expressões nominais definidas: a referenciação ocorre pelo uso de formas ou expressões definidas que, dentre outras formas linguísticas, ainda incluem as descrições definidas e as nominalizações;
- uso de expressões nominais indefinidas: a referenciação dá-se pela mobilização de expressões ou formas nominais introduzidas por artigo indefinido.

A análise das sequências de expressões, ou seja, das cadeias referenciais, na produção de um texto, auxilia na observação de como a imagem dos referentes vão sendo construídas ao longo do discurso e, no caso do artigo de opinião, qual é a direção argumentativa adotada pelo locutor. Vale salientar que as cadeias referenciais são de natureza remissiva, uma vez que retomam o que foi dito para abrir precedentes para a introdução de informação nova e preditiva, pois antecipam informações sobre o referente, de modo a garantir, inclusive, a progressão tópica.

O artigo de opinião e a referenciação

Com base na concepção bakhtiniana de gênero, o termo refere-se a um conjunto de práticas discursivas nas quais a linguagem é utilizada, na sua forma oral ou escrita, de diferentes maneiras, com diferentes funções, nas mais variadas situações sociais em que o indivíduo é convocado a agir e interagir por meio dela (BAKHTIN, 2003). Desse modo, conforme aponta Miller (1984, p.156), cada situação social “pede respostas retóricas tipificadas”, ou seja, gêneros discursivos com características temáticas, composicionais e estilísticas específicas.

Segundo a ótica de Bakhtin/Volochinov (2004), o tema refere-se aos conteúdos ideologicamente em consonância que, por sua vez, ancoram-se em um sistema relativamente estável de significação, ou seja, em um gênero discursivo. No que diz respeito à forma composicional, ela pode ser entendida como traços compartilhados por textos que pertencem a um dado gênero do discurso.

No que concerne ao estilo, Bakhtin (2003) o define como reflexo da individualidade do autor no momento da enunciação; individualidade essa que abarca desde as escolhas linguísticas até os traços de sua personalidade. Assim, a relação estilo e gênero discursivo revelam-se naquilo que o teórico (BAKHTIN, 2003, p. 266) chama de “estilos funcionais”, definindo-os como estilos de gêneros aplicados a determinada esfera da atividade humana, de modo a atender às especificidades e às necessidades comunicativas dessa esfera. Dentro dessa perspectiva, é possível dizer que o gênero não é apenas reconhecido pela sua estabilidade linguística, mas também pela sua evidência em situações comunicativas recorrentes, de modo que essas duas características levam à convenção de uso.

Os fatores que determinam a escolha do gênero no qual o enunciado será estruturado são as intenções comunicativas do produtor do texto e a situação sociocomunicativa na qual os participantes do ato comunicativo estão inseridos, de modo que o locutor remete-se ao intertexto para fazer essa escolha. Para Koch (2003, p.55) o intertexto é “constituído pelo conjunto de gêneros de texto elaborados por gerações anteriores e que podem ser utilizados numa situação específica, com eventuais transformações”, o que permite dizer que a produção e a circulação do conhecimento humano são construídas por meio dos gêneros do discurso.

Na proposta de Schneuwly e Dolz (2004), os gêneros podem ser agrupados em cinco categorias: da ordem do narrar, do relatar, do argumentar, do expor, do instruir ou prescrever. O gênero artigo de opinião pode ser enquadrado na categoria dos gêneros da ordem do

argumentar, em virtude de suas características, a saber: gênero de uma extensão curta que apresenta julgamentos próximos a provisoriedade por ser produzido de forma concomitante ao momento em que os fatos estão em curso.

Além dessa característica, o artigo de opinião é caracterizado por tratar de assuntos controversos, cuja abordagem polêmica do autor visa à promoção do debate sobre problemas que envolvem a sociedade, tais como problemas políticos, científicos, culturais, sociais etc. Sendo assim, o discurso argumentativo do artigo tem a finalidade de convencer ou persuadir o interlocutor, no sentido de que ele possa partilhar da opinião do locutor ou transformar sua visão sobre o assunto abordado. No artigo de opinião, as cadeias referencias estão a serviço da argumentação do locutor, porque tanto servem para a construção da imagem dos referentes quanto para construção da direção argumentativa do texto, o que pode ser melhor evidenciado na seção a seguir.

As estratégias de referenciação mobilizadas nos artigos de opinião

Um artigo de opinião tem a finalidade de traduzir a notícia por meio do discurso do jornalista. Nos textos analisados – “Será que ele morreu?”, de Leonardo Attuch; “Um salto para a democracia”, de Paulo Lima; e “O hipócrita e o cínico”, de Patrícia Melo – a referenciação contribui para a materialidade textual, uma vez que o discurso vai sendo construído pautado em argumentações que, por sua vez, tentam persuadir o leitor na aceitação daquilo que o autor pretende transmitir e revelam o modo como o jornalista compreende os fatos e os sujeitos neles envolvidos. A maneira como os autores mobilizaram os saberes cria os referentes, levanta hipóteses, reconstrói o contexto e contribui para a legitimação de seus discursos como um artigo de opinião.

O título do primeiro texto, “Será que ele morreu?”, que trata das mentiras disseminadas pelo governo americano acerca da morte de Osama bin Laden, entre outras mentiras, introduz um referente co-textual³ explícito através da estratégia de pronominalização, com função catafórica – estratégia que, nesse título, ativa o conhecimento prévio do leitor acerca da execução de Osama, permitindo que se faça inferências sobre o conteúdo do artigo. O pronome **ele**⁴, que aparece no título, remete a bin Laden, elemento mencionado no primeiro parágrafo do

³ O co-texto, neste trabalho, refere-se aos segmentos textuais precedente e subsequente a um dado enunciado.

⁴ A título de organização, os referentes e as expressões referenciais mobilizadas nos artigos estão em negrito.

texto e categorizado por meio de uma expressão referencial definida, **o terrorista**, composta por determinante (artigo definido **o**) + nome (substantivo **terrorista**).

Ao longo do texto, mais precisamente no terceiro parágrafo, o referente bin Laden é recategorizado como não sendo **um troféu**, quando Leonardo Attuch, autor do artigo, utiliza-se da argumentação de Obama, que disse não querer divulgar a foto do terrorista a fim de não despertar revolta – sendo que essa recategorização é feita através de uma expressão nominal indefinida, determinante (artigo indefinido **um**) + nome (substantivo **troféu**).

Assim, pode-se dizer que, por meio das estratégias de referenciação, o objeto de discurso Osama bin Laden vai sendo categorizado e recategorizado, de modo a manter-se ativo no texto e, portanto, na memória de curto termo do leitor. Porém, embora apareça no título do artigo, vale salientar que ele não é o principal referente do texto, bem como Obama, Saddam Hussein, W. Bush, os filhos de Hussen, entre outros, mas dá suporte para que o autor do artigo construa sua argumentação na direção de mostrar como o governo americano, em diferentes gestões, mente a fim de atingir seus interesses econômicos e políticos. Ainda é importante ressaltar que Saddam Hussein, Bush, George Tenet, Richard Perle, entre outros, são referentes ancorados, uma vez que são passíveis de serem associados com as mentiras presentes no co-texto.

Considerando o artigo de opinião em sua totalidade, verifica-se que o principal referente são as mentiras contadas pelo governo americano, ao longo de duas gestões, de modo que os demais referentes, que são ativados, desativados e retomados, no caso do referente Osama, ativado nos três primeiros parágrafos e retomado apenas no último, dando lugar a outros referentes, servem, na verdade, para exemplificar e rotular essas mentiras.

O objeto do discurso mentira é introduzido, bem como Osama, no primeiro parágrafo do artigo. Uma vez introduzido, é categorizado/numerado através da repetição dos seguintes sintagmas nominais: **mentira número 1** (bin Laden estava armado ao ser assassinado); **mentira número 2** (ele usou uma mulher para se proteger); **mentira número 3** (o assassinato foi assistido ao vivo por Obama e seus assessores). A repetição do referente **mentira** indicia a intenção do autor de fazer com que o leitor concorde com a orientação argumentativa do texto, ou seja, a repetição desse objeto do discurso funciona como estratégia de persuasão por parte de Attuch: a de reafirmar que o governo americano mente. Logo em seguida, no segundo parágrafo, encontra-se outra expressão nominal, **três mentiras**, que tem a função de sumarizar, de forma anafórica, o conteúdo do parágrafo anterior.

A presença sequencial dessas formas nominais evidenciam, no mínimo, duas de suas funções, pois a expressão **três mentiras** remete a e encapsula elementos mencionados anteriormente, colaborando para que se mantenham ativos na memória do leitor, e a categorização das mentiras através da numeração tem função predicativa. Desse modo, pode-se dizer que essas expressões nominais vinculam informações novas e dadas, fazendo com que o referente mantenha-se ativo e o texto progrida, além de reforçarem, para o leitor, a direção argumentativa do artigo, em mostrar o quanto o governo americano mente em prol de seus interesses econômicos e políticos.

Ao longo do texto, Leonardo Attuch coloca em xeque as mentiras contadas pelo governo americano e suas verdadeiras intenções – no que diz respeito à morte de Osama, ao ataque de 11 de setembro, à guerra iraquiana, à morte de Hussein e seus filhos – através de uma estratégia retórica baseada em questionamento, para, então, reativar o sintagma nominal **mentira**, no penúltimo parágrafo.

Nesse parágrafo, o sintagma nominal **mentira** é reativado e recategorizado através da estratégia de referenciação de descrição definida, **a maior de todas as mentiras**, que apresenta a seguinte configuração: determinante (artigo definido **a**) + modificador (adjetivo **maior**) + modificador (sintagma preposicionado **de todas**) + determinante (artigo definido **as**) + nome (substantivo **mentiras**). Essa expressão referencial, em relação às outras expressões que trazem o sintagma nominal **mentira**, faz uma seleção, dentre todas as mentiras contadas até agora, daquilo que para Attuch seria a maior de todas elas: **as armas de destruição em massa do Iraque**, o que também reforça mais uma vez a direção argumentativa do artigo, no sentido de mostrar como os Estados Unidos mentem a fim de atingir seus interesses.

A instauração, categorização, reativação, recategorização do referente **mentira**, ao longo do texto, corroboram não só para reforçar os argumentos do autor do artigo, mas também para a construção negativa da imagem do governo americano, bem como para a construção do *frame* da falta de credibilidade desse governo, visto usar de mentiras, ancoradas no terrorismo e seus principais ícones, em benefício próprio.

O segundo artigo, “Um salto para a Democracia”, coloca em pauta o fato de Julian Assange ter se tornado alvo de perseguições americanas, sob o título de **terrorista**, uma vez que é dono de uma organização, *Wikileaks*, responsável pela divulgação na *internet* de documentos, até então secretos, dos governos de todo o mundo. Além disso, o artigo tratava, à época de sua publicação, da situação de Assange, que estava preso numa prisão domiciliar em

Londres e sob liberdade condicional por ter sido acusado de estuprar duas mulheres, dando destaque a trechos de uma entrevista que ele concedeu a um jornalista brasileiro.

Diferente da estratégia de referenciação utilizada no título do primeiro artigo, pronominalização, o título do segundo apresenta uma expressão nominal indefinida, com função catafórica, pois a relação entre os principais referentes do artigo e seu título só é possível de ser feita no decorrer da leitura. Ou seja, o leitor só consegue saber que a *Wikileaks* simboliza **um salto para a democracia** à medida que for lendo o texto. O uso dessa estratégia também evidencia como a imagem desse referente é construída de forma positiva, visto que essa organização internacional tem a função de trazer a público informações sigilosas e comprometedoras dos governos.

No primeiro parágrafo, antes da ativação do referente *Wikileaks*, o autor do texto, Paulo Lima, introduz o referente Julian Assange, bem como o categoriza, através de uma descrição definida, com função catafórica. Ao descrever o referente com a expressão nominal **este aparentemente inofensivo jovem senhor caucasiano**, o autor do texto opera uma seleção de características que gostaria de ressaltar em Assange e também evidencia sua avaliação sobre ele. Os modificadores selecionados para descrever Assange auxiliam o leitor na construção da imagem desse referente, ou seja, de homem inofensivo e frágil, e do sentido do texto, que segue na direção de mostrar que ele não é tão inofensivo assim, visto ter mostrado como os Estados Unidos utilizaram-se de estratégias pouco usuais para interagir com outros governos.

Depois de ser introduzido, o referente é recategorizado através de outra descrição definida e operação de nominalização, **o australiano de pele quase tão transparente quanto o serviço que criou em 2006**. Verifica-se que estas formas nominais, composta de determinante + nome + modificadores + estrutura comparativa, não só faz uma analogia entre a cor da pele de Assange, reforçando a imagem de frágil, e o tipo de serviço prestado por sua organização, mas também indiciam a intenção do autor de dar ao leitor a oportunidade de conhecê-lo, visto que ressalta a nacionalidade e a aparência física do referente.

Além disso, essas duas estratégia de referenciação é responsável por desativar o referente Julian e ativar o referente *WikiLeaks* – categorizado, por catáfora, como **o serviço** e, logo adiante, recategorizado, de forma anafórica, como **organização internacional que cuida de divulgar documentos e informações**, através de outra operação de nominalização. Essa operação, composta de nome núcleo + oração relativa, faz com que o referente *WikiLeaks* passe da categoria de **serviço** a categoria de **organização internacional**, ou seja, ao ser retomado, o

referente passa a ter um estatuto que anteriormente não tinha no texto. Mais adiante, a organização é recategorizada pelos sintagmas nominais **grupo** e **cablegate**, responsável por ter divulgado 250 documentos que comprometeram a credibilidade do governo americano.

Em seguida, o referente Julian Assange volta a ser focalizado e recategorizado como **um dos maiores inimigos dos EUA e um terrorista** – recategorização que indicia a intenção do autor em mostrar como algumas autoridades veem Assange, bem como o de introduzir o questionamento sobre os motivos pelos quais ele é tido como terrorista por muita gente influente, visto não seguir o estereótipo de homem violento, estereótipo ou *frame* imputado aos terroristas.

Ao mencionar a opinião de algumas pessoas para recategorizar Julian Assange como **terrorista**, o autor do texto redireciona sua argumentação, a fim de mostrar que Assange não é tão inofensivo e frágil como tinha sido apresentado no início do texto, mas é um homem capaz de evidenciar, utilizando-se da *internet*, as mentiras da maior potência do mundo, ameaçando o controle que os EUA têm sobre outros países. Desse modo, verifica-se que a recategorização do referente também quebra com os paradigmas de terrorista e ações terroristas partilhados pela cognição social, pois, ao invés de usar armas, bombas e aviões, Julian usa a *internet* para atingir o governo americano e outros governos, de modo que o seu principal ato terrorista é o de romper as barreiras **entre o que o poder diz nos gabinetes e na frente das câmeras, ao invés de torres** – referente ancorado no co-texto, que remete ao atentado de 11 de setembro, quando da queda das Torres Gêmeas.

Assim, verifica-se que estratégias de referenciação presentes no texto constroem a imagem de Julian Assange ora **como um homem inofensivo e frágil**, ora como um **terrorista**, capaz de promover o livre trânsito de informações até então sigilosas, desestabilizando a imagem coletiva que se tem de um terrorista, bem como retoma e introduz informações novas sobre ele – principalmente, no que diz respeito a situação a qual estava submetido. A forma com a qual a imagem de Julian Assange é apresentada no artigo colabora para a construção de um *frame* sobre o que venha a ser um terrorista e as ações terroristas que, por sua vez, vai de encontro à imagem partilhada pela cognição social e reforçada pelo governo americano.

O último texto, “O hipócrita e o Cínico”, de Patrícia Melo, trata das mazelas política do presidente venezuelano, Hugo Chávez, e do primeiro ministro italiano, Silvio Berlusconi, no qual a autora faz algumas comparações entre esses dois referentes. O título do artigo trás duas formas nominais definidas, **o hipócrita** e **o cínico**. Essas duas expressões, além de

categorizarem Chávez e Berlusconi, contribuem, significativamente, para que o leitor faça inferências sobre a orientação argumentativa do texto. Desse modo, as duas formas nominais rotulam os referentes e trazem indícios da avaliação da autora sobre eles, visto terem função predicativa.

No primeiro parágrafo, antes de serem ativados os principais referentes do artigo, a autora avalia o governo de Chávez e o de Berlusconi através de duas expressões referenciais definidas, **as patacoadas de Hugo Chávez**, composta de determinante + nome + modificador (sintagma preposicionado), e o **show de horrores que é o governo Berlusconi**, composta de determinante + nome + modificador + oração relativa. Vê-se que, se o título rótula os governantes dos dois países, o primeiro parágrafo traz uma avaliação da autora sobre esses dois governos, um tachado de atrapalhado, e o outro, de horroroso.

Em seguida, a autora introduz o referente Berlusconi utilizando-se da estratégia de descrição definida, **a triste figura do Cavaliere de cabelo tingido e seus escândalos**, que recategoriza o referente, anteriormente categorizado no título do artigo, e ressalta algumas de suas características, viabilizando o projeto de dizer de Patrícia, no sentido de construir uma imagem negativa do primeiro-ministro italiano. Já Chávez é recategorizado, através de uma expressão nominal indefinida, **um herói da esquerda** na missão de salvar a América Latina das garras do imperialismo americano, quando Patrícia menciona o filme de Oliver Stone, a fim de contestar a forma com a qual o presidente venezuelano foi retratado na produção *South of the Border*.

Essa contestação abre precedentes para a retomada dos dois referentes, a partir dos mesmos sintagmas nominais com aos quais foram categorizados no título do artigo, porém de forma comparativa, se Chávez é **hipócrita**, Berlusconi é **cínico**, de modo que esses dois modificadores, desempenhando a função sintática de predicativo do sujeito, confirmam a expectativa criada no título, a de que o texto trataria de duas pessoas, uma caracterizada como cínica, e a outra, como hipócrita, reforçando a avaliação da autora sobre os principais referentes do artigo. Chávez ainda é recategorizado **como um personagem tartufo para Stone** por meio de uma expressão referencial definida, composta de determinante + nome + modificadores, porém é desativado, ao passo que o referente Berlusconi é focalizado.

A focalização de Berlusconi dá-se da seguinte forma: através da menção que Patrícia faz ao filme de Moretti, no qual o primeiro ministro é exaltado como **herói**, o que, para escritora, é um absurdo; e através do relato de alguns eventos envolvendo esse referente e o seu ministro

da cultura, de modo que tais eventos são qualificados como **desanimador** e algo que pode fazer com que a Itália torne-se **um grande Truman Show**. Apesar de outros referentes (ministro da cultura, Itália, as ruínas de Pompeia, os habitantes de Áquila, o ministro da Fazenda, entre outros) ancorarem-se no referente Berlusconi, é interessante notar as estratégias utilizadas para se referir ao primeiro ministro – estratégias estas que vão reforçando a imagem negativa desse objeto do discurso e dando indícios da péssima avaliação que autora faz do governo italiano.

Berlusconi é categorizado por meio de uma estratégia de nominalização, de estrutura comparativa, **caricatura tão nefasta quanto Mussolini**, recategorizado através uma expressão referencial definida, **o Cavalier**, e outra expressão formada por modificador + nome, **salvador primeiro-ministro**. Quanto à suas ações, primeiramente, são sumarizadas por meio do sintagma nominal **berlusconismo**, com função anafórica, visto remeter às declarações do primeiro ministro, às festas promovidas por ele, ao seu discurso burlesco, ao seu descaso pela vida artística da Itália – de modo que todas essas ações, sumarizadas na forma **berlusconismo**, transformaram **o país num grande circo**, na voz de Patrícia.

As ações, mais precisamente a pretensão de chamar algumas artistas para depor em seu julgamento e o fato de ter contratado uma atriz para falar bem dele, ainda são recategorizadas como **show midiático** e **um show berlusconiano**. Vê-se que, para se referir às ações do governante, Patrícia não só utiliza expressões referenciais definidas, indefinidas e nominalização, mas também a estratégia de formação de nomes derivados de “Berlusconi” – estratégia que serve para veicular informações dadas e novas, uma vez que sumariza as ações anteriormente descritas no texto, e abre precedentes para o acréscimo de outras: evidenciar a opinião da autora e rotular as ações do primeiro ministro. Por fim, a escritora faz um breve relato sobre as consequências das ações de Berlusconi sobre o setor da cultura, duas demissões e um protesto orquestrado por Riccardo Muti, bem como lamenta o fato de Berlusconi estar transformando a Itália, **país que detém 75% dos monumentos arqueológicos e arquitetônicos**, em um grande **Truman Show**.

As estratégias presentes no artigo colaboram para progressão referencial, visto que introduzem, retomam, categorizam e recategorizam os principais referentes, dando destaque a Berlusconi e suas ações, de forma a mostrar como a autora constrói a imagem negativa de Chávez, homem que faz **patacoadas** em seu governo, e de Berlusconi, político escandaloso, sem escrúpulos, responsável por promover a destruição da cultura italiana e por transformar o país em motivo de chacota para outros países europeus. Além disso, a forma com a qual ela

descreve, avalia e rotula Berlusconi e suas ações colaboram para a composição do *frame* sobre qual é o tipo de política feita por esse governante e a situação na qual encontrava-se a Itália, vista como um grande circo por toda a Europa, em virtude das ações de Berlusconi.

Em relação aos três artigos, ainda cabe observar que eles apresentam entre si uma intertextualidade implícita, visto que os dois primeiros textos fazem menção à morte de Osama bin Laden, evidenciando as mentiras, no caso do primeiro artigo, e as perseguições do governo americano, no caso do segundo. Embora o último texto não remeta ao governo americano nem a bin Laden, é passível de ser relacionado com os outros dois por tratar de Chávez e Berlusconi – figuras políticas tão contraditórias e sem credibilidade quanto o governo americano. Além disso, os três textos apresentam expressões referenciais que colaboram para a construção de uma imagem negativa do governo americano, de Berlusconi e de Chávez – o que também permite estabelecer relações entre eles.

Algumas considerações

A análise dos três artigos demonstra que a referenciação é um processo discursivo, visto construir os referentes enquanto objetos do discurso que, nem sempre, refletem a ordem estabelecida no mundo – um bom exemplo é a forma com a qual a construção da imagem do referente Julian Assange rompe com a imagem que se tem de um terrorista – mas reflete o ponto de vista do locutor sobre os objetos.

Para a categorização, recategorização, construção da imagem, rotulação e avaliação dos referentes, os autores mobilizaram algumas estratégias de referenciação, dando destaque para as expressões referenciais definidas e indefinidas, descrição e nominalização, e pouco espaço para a estratégia de pronominalização.

Cabe ressaltar que essas estratégias de referenciação, além de veicularem a avaliação dos autores sobre a imagem dos referentes, permitem a remissão a objetos do discurso já presentes no co-texto, de modo a reativá-los na memória do leitor, bem como a sua focalização, refocalização e seleção de características que os locutores queriam destacar nos referentes, a fim de que o leitor pudesse aderir aos seus pontos de vista sobre os referentes.

Finalmente, vale mencionar que os objetos do discurso, no caso, as mentiras contadas pelo governo americano, Julian Assange, *Wikileaks*, Chávez e Berlusconi, são de natureza

dinâmica, pois, uma vez que foram introduzidos, puderam ser transformados, desativados e retomados no fio discursivo.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 261-306.
- BAKHTIN, Mikhail/VOLOCHINOV, Valentin. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2004.
- DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução e organização de Roxane Rojo e Glaís Sales. Campinas: Mercado de Letras, 2004.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2003.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. Referenciação e orientação argumentativa. In: KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Anna Christina (orgs.). *Referenciação e Discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Introdução à Linguística Textual*. 2ªed. São Paulo: Martins Fontes, 2009a.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2009b.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; TRAVAGLIA, Luiz. *A coerência textual*. 7ª ed. São Paulo: Contexto, 1996.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; MARCUSCHI, Luiz Antônio. Processos de referenciação na produção discursiva. In: *Delta*, v.14, (número especial) 1998, p. 169-190.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e Compreender os Sentidos do Texto*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- MILLER, Carolyn. Genre as social action. In: *Quartely Journal of Speech*, n. 70, pp. 151-157, 1984.
- MONDADA, Lorenza. Gestion du topic et organization de la conversation. In: *Cadernos de estudos Linguísticos*: Campinas, n. 41, IEL/Unicamp, p. 7-36, 2001.
- MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. Construction des objets de discours et catégorisation: une approche des processus de référenciation. In: BERRENDONNER, Alain; REICHLER-BÉGUELIN, Marie-José (éds). *Du syntagme nominal aux objets-de-discours*. Neuchâtel: Institute de Linguistique de l'Université de Neuchâtel, 1995.

Artigo enviado em fevereiro de 2017.
Artigo aceito em março de 2017.

Anexo 1: Será que ele morreu?

Se a Casa Branca já admitiu tantas mentiras, é lícito duvidar do que resta como verdade

Por Leonardo Attuch

Mentira número 1: Osama bin Laden estava armado quando foi morto. A Casa Branca já desmentiu. Mentira número 2: o terrorista usou uma mulher como escudo humano. A CIA desdisse o que havia dito. Mentira número 3: a execução foi assistida ao vivo pelo presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, e seus mais próximos assessores. Também negado.

Se três mentiras já foram contadas pelas mais altas autoridades dos Estados Unidos, por que haveríamos de dar crédito ao resto? Aliás, se Osama não ofereceu nenhuma resistência e não usou ninguém como escudo humano, num filme que era assistido online por Barack Obama, por que haveria de ser morto, se poderia ter sido facilmente capturado? E por que, uma vez morto, teria tido seu corpo atirado ao mar?

Com ares civilizados, Obama alega que seu quase xará Osama “não é um troféu”. E que não faz sentido exibir ao mundo sua foto – uma imagem que seria “aterrorizante” – para não despertar desejos de vingança. Mas por que então os Estados Unidos exibiram as fotos dos dois filhos de Saddam Hussein quando ambos foram assassinados, na invasão do Iraque? Aliás, que pudor um país de Rambos e cowboys, que exporta sangue nas telas de cinema todos os dias, tem em mostrar cenas assustadoras? E, se Obama é mesmo tão civilizado, por que não submeteu Osama a um julgamento? Basta lembrar que, na era do vilão George W. Bush, Saddam Hussein só foi enforcado depois de um processo judicial, conduzido por autoridades locais.

O fato é que nunca se saberá ao certo o que há por trás das razões de Estado norte-americanas. Uma pista foi dada por George Tenet, que foi diretor da CIA na era Bush, rompeu com o ex-presidente e escreveu o livro “At the Center of the Storm” (No Centro da Tempestade). Ele, que estava lá quando as torres gêmeas foram abatidas, disse que no dia 12 de setembro de 2001, um dia depois do ataque, ouviu de Richard Perle, principal assessor internacional de Bush, que o Iraque teria de pagar por isso.

Depois disso, veio a “guerra ao terror”, ancorada na maior de todas as mentiras já contadas pelos Estados Unidos: a das armas de destruição em massa do Iraque. Hoje, qualquer criança sabe que o real objetivo da invasão era se apoderar do petróleo iraquiano, assim como há também um componente neocolonialista no caso presente da Líbia.

Quer um palpite? Bin Laden não morreu. Está vivinho da silva e não morava naquela fortaleza protegida por militares paquistaneses. Ele vive no subsolo do Pentágono, guardado por oficiais americanos. Absurdo? Sim, é absurdo. Mas o fato é que, nos últimos dez anos, seu fantasma serviu mais aos interesses econômicos dos Estados Unidos do que a qualquer causa antiamericana.

Sei não, Obama.

Anexo 2: Um salto para a democracia

Aos 39 anos e vivendo nos arredores de Londres, este aparentemente inofensivo australiano frequenta as mesmas listas que tinham Bin Laden na primeira linha

Por Paulo Lima

Agora que Bin Laden parece ter sido riscado da lista, é razoável supor que este aparentemente inofensivo jovem senhor caucasiano, saltitando alegremente sobre a cama elástica e falando ao celular numa casa de campo, tenha escalado o topo do ranking dos homens mais temidos, procurados e vigiados pelos EUA. Estamos falando de Julian Assange, o australiano de pele quase tão transparente quanto o serviço que criou em 2006, o WikiLeaks, organização internacional que cuida de divulgar documentos e informações que, pela vontade de seus autores e protagonistas, deveriam ser mantidos em sigilo eternamente. O slogan do grupo resume: “Nós abrimos governos.” Pelo WikiLeaks, o mundo tomou conhecimento, por exemplo, das “estratégias diplomáticas pouco usuais” adotadas pelo Estado americano para interagir com praticamente todos os governos do mundo. O chamado “cablegate” divulgou mais de 250 documentos que partiram dos EUA, dirigidos a centenas de países e lideranças, incluindo o Brasil. Pela divulgação desses documentos que comprometem gravemente a já frágil credibilidade da política externa americana, Assange foi declarado um dos maiores inimigos dos EUA. Foi chamado, sem pudor, de terrorista por democratas, republicanos, jornalistas e muita gente influente pelo mundo. Mas o que faz dele um “terrorista”, digno de visita dos Navy Seals, se nunca executou nem sugeriu qualquer ato violento? Ao escancarar a incoerência (para dizer o mínimo) de líderes que mantêm sangrentos segredos em nome da democracia, Assange obriga os governos do mundo a se olharem no espelho.

Utilizando a possibilidade digital de distribuir informação sem filtros ou mediadores, joga a verdade no ventilador. Mostrou que, no mundo conectado, nem a tão discutível maior potência do mundo tem condições de mentir para manter o, sempre ilusório, controle. As torres que Assange quer derrubar são as antes intransponíveis barreiras entre o que o poder diz nos gabinetes e na frente das câmeras. Eis seu “terrorismo”.

E cabe outra reflexão: será que em 2011 ainda deveríamos precisar de alguém para nos provar que a noção de controle absoluto é uma ilusão absoluta? Quando se veem alguns dos principais líderes mundiais defendendo a ideia de que o poderio militar e o uso institucionalizado da violência são as melhores garantias de paz, equilíbrio, estabilidade e justiça para o mundo, a palavra sim, desgraçadamente, ainda parece surgir como a resposta da maioria.

Assange está hoje numa situação entre a prisão domiciliar e a liberdade condicional vigiada. Carrega uma tornozeleira eletrônica que monitora seus passos e aguarda o resultado do julgamento do pedido de extradição do governo sueco. Ele é acusado do suposto estupro de duas mulheres. Seu crime teria sido fazer sexo sem preservativos, o que por lá pode ser considerado um tipo de agressão sexual.

Enquanto isso, vive acuado, trabalhando com sua equipe numa velha casa de campo em Diss, cidadezinha a 150 km. de Londres. Foi lá que Julian recebeu de forma bastante hospitaleira, considerando as condições em que se encontra, o jornalista Lino Bocchini e a fotógrafa Eliza Capai, que voltaram não só com imagens inéditas como a que você vê aqui, mas também com

a única entrevista que Assange concedeu pessoalmente ao Brasil. A entrevista estará nas bancas na semana que vem, nas páginas da “Trip”, mas você vê antes aqui na IstoÉ, algumas das declarações de um dos homens mais perseguidos do mundo: “Defendemos um conceito simples, mas abstrato: a verdade é o único ingrediente realmente útil na hora de tomar decisões. Então trazer o máximo de informação real à tona é o jeito certo de decidir as coisas.”

“Acho a politização da juventude conectada à internet a coisa mais significativa que aconteceu no mundo desde 1960.”

“O Brasil é um poder alternativo bem interessante na região, a ponto de que, nas Américas, há os Estados Unidos e há o Brasil. Vocês são indiscutivelmente a nação mais independente da região fora os Estados Unidos, e isso traz um equilíbrio de poder vital.”

“Não é verdade que temos tanto poder. O WikiLeaks não é uma organização poderosa. Se nós fôssemos uma organização tão forte assim, eu não estaria em prisão domiciliar.” “Transparência é para os governos, para as grandes organizações. Privacidade é para os indivíduos. Transparência tira o poder das organizações poderosas e o confere a quem não tem.”

Anexo 3: O hipócrita e o cínico

Se Hugo Chávez inspira a criação de um personagem tartufo para Stone, Berlusconi usa as paródias que dele se fazem para aperfeiçoar seu cinismo político

Por Patrícia Melo

Uma das vantagens de ter saído do Brasil é não ver de perto as patacoadas de Hugo Chávez. E um dos incômodos de viver na Suíça, a poucos quilômetros de Milão, é acompanhar de perto o show de horrores que é o governo Berlusconi. Não há dia que passe sem que se veja na televisão e na imprensa a triste figura do “Cavaliere” de cabelo tingido e seus escândalos. Quando Oliver Stone apresentou seu filme “South of the Border”, em que retrata Hugo Chávez como um herói da esquerda na missão de salvar a América Latina das garras do imperialismo americano, a gente se perguntava: o que pode ser pior do que isso? Segundo a lei de Mendel, tudo pode ser piorado. Se Chávez é hipócrita, Berlusconi é cínico. Se Chávez inspira a criação de um personagem tartufo para Stone, Berlusconi usa as paródias que dele se fazem para aperfeiçoar seu cinismo político.

Muita gente se lembra da cena final do filme de 2006 de Nanni Moretti “Il Caimano”, baseado na história de Berlusconi: via-se o primeiro-ministro deixando a corte, que acabava de condená-lo a sete anos de prisão, sendo saudado como herói pela turba, após um inflamado discurso no qual jogava o Poder Judiciário na lama. Era pura profecia artística: finalmente a Justiça italiana conseguiu que Berlusconi depusesse num dos inúmeros casos de propina nos quais é acusado. E o que se viu na saída do tribunal foi assustador. Berlusconi era saudado pela multidão, enquanto jogava o Judiciário na lama com seu discurso burlesco. Se isso não é pior do que vem a reboque com Chávez, é pelo menos mais desanimador.

Berlusconi transformou a si próprio numa caricatura tão nefasta quanto Mussolini. Mas, enquanto a história não lhe confere esse galardão da caricatura, ele arrasta a Itália pelo ridículo. Suas declarações sobre os opositores, aos quais chama indistintamente de comunistas, suas

festas cheias de Rubys, seu pouco-caso pela vida artística italiana transformam o país num grande circo para toda a Europa. Ri-se dele. Ri-se da Itália.

Parte das ruínas de Pompeia que sobraram da erupção do Vesúvio, no primeiro século depois de Cristo, não sobreviveu ao berlusconismo. Mas seu ministro da Cultura vai entrar para a história como o que sobreviveu ao desabamento das ruínas. (Só depois de resistir a uma moção de desconfiança no Parlamento é que ele foi ejetado do posto.) Não há tempo para que o público fique a par de todo o ridículo exposto pelo ditador. Na época em que o mundo todo estava rindo com o show midiático no qual Berlusconi pretendia transformar seu julgamento, intimando para depor George Clooney, cantores, apresentadores e atrizes de tevê, o “Cavaliere” armava outro show. Os habitantes de Áquila, cidade destruída por um terremoto há dois anos, não entenderam nada quando viram num programa de tevê, num dos canais de Berlusconi, uma senhora que supostamente vivia na cidade, falando do salvador primeiro-ministro, sem o qual Áquila continuaria em ruínas. Indignados começaram a ligar para a emissora, pois Áquila ainda hoje está em ruínas. Conclusão: era uma atriz paga pela tevê para mais um show berlusconico. Mais uma farsa.

Não se come cultura, afirma Tremonti, o ministro da Fazenda. E a debandada continua. Andrea Carandini, presidente do Conselho Superior dos Bens Culturais da Itália, se demitiu. Bruno Cagli, presidente da Academia Santa Cecília de Roma, também se demitiu. Riccardo Muti, por ocasião da abertura do Teatro de Ópera de Roma, pediu à plateia que se juntasse à orquestra e ao coro cantando o hino oficioso da Itália, “Va Pensiero”, em desagravo à destruição de que a cultura italiana vem sendo vítima. E assim o país, que detém 75% dos monumentos arqueológicos e arquitetônicos, patrimônios da civilização ocidental, corre o risco de se tornar um grande Truman Show. Mas, diferentemente de Hollywood, o final pode ser trágico.